

Perfil das manifestações clínicas dos acidentes por arraias notificados no Hospital de Doenças Tropicais (HDT) do Tocantins no período de 2013 a 2016

Josué M. Telles¹, João Victor S. C. Coutinho¹, Victória B. Dantas¹, Ronaldo D. M. Júnior¹, Cecília J. Carvalho¹, Danyelle P. Rosário¹; Naualy C. Alencar¹; Gabriela S. Couto¹, Ebert M. Aguiar²

¹ Acadêmicos de medicina da FAHESA/ITPAC, Av. Filadélfia, 568 - St. Oeste, Araguaína - TO, 77816-540, ² Médico especialista, Dermatologista e Diretor Clínico do Hospital de Doenças Tropicais de Araguaína e docente da FAHESA/ITPAC, Av. Filadélfia, 568 - St. Oeste, Araguaína-TO

Os trabalhos sobre acidentes por animais aquáticos no Brasil apresentam comunicações esparsas e pouco conclusivas em relação à epidemiologia, quadro clínico e tratamento, e quando se trata de crianças acidentadas raros são os estudos a respeito. O objetivo desse trabalho foi traçar um perfil clínico-epidemiológico para os acidentes por arraias em hospital de referência do norte do Tocantins, comparando com os casos de acidentes com crianças. Foi feito um estudo descritivo, transversal, com análise de 116 fichas do SINAN. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética sob o parecer 54167916.1.0000.0014. Araguaína está localizada entre dois rios e é cortada por dez riachos, propiciando um ambiente favorável para a ocorrência desses acidentes. No estudo realizado houveram 116 casos no período (a maioria proveniente de Araguaína, média de idade de 30,8 anos), de modo que 31 desses eram pacientes pediátricos (26,72%). Dos casos analisados, o pé foi segmento mais acometido na análise geral (89 casos, 76,72%) e no grupo pediátrico (26). A dor foi a manifestação clínica mais prevalente nas duas análises (geral: 98,27%; pediátrico: 100%), seguida do edema (76,72% e 87,1%, respectivamente). A infecção secundária seguida de necrose foi muito mais comum em crianças acidentadas do que nos outros pacientes (64,52% versus 51,72%). A média o tempo de procura ao atendimento esteve na faixa de 24 a 48 horas e o período de investigação variou de 1 a 7 dias. No Tocantins, o alto índice de acidentes com arraias somado aos poucos relatos dificulta o tratamento dos pacientes envenenados e isso é preocupante, sobretudo às crianças cujas manifestações clínicas são mais acentuadas. É relevante que estudos sobre o assunto sejam realizados, visando contribuir com o conhecimento dessa nosologia e fornecendo subsídios para aprimorar o conhecimento na área, bem como para elaboração de ações que minimizem o sofrimento dos acidentados.

Palavras-Chave: ictismo, epidemiologia, acidentes por arraias

Apoio: Liga Acadêmica de Infectologia de Araguaína - TO